

# O RIGOR CIENTÍFICO COMO QUESTÃO ÉTICA EM EDMUND HUSSERL

Edebrando Cavaliere – UFES

## Resumo

A preocupação com o rigor científico está presente desde os primeiros escritos da vasta obra husserliana. Especialmente a filosofia, segundo ele, carecia de uma fundamentação radical que a elevasse à categoria de “ciência no sentido rigoroso”. Por isso, ele mostrava sua insatisfação já em 1900, épocas das *Investigações Lógicas*, dizendo que “não podem satisfazer-nos significações que tomam vida – quando o tomam – de intuições remotas, confusas e impróprias” (p. 218). A lógica tradicional e a atual têm tido dificuldade no progresso devido à errônea interpretação dos fundamentos teóricos e as confusões nas delimitações de esferas ou regiões do ser. Percorrendo os diversos níveis da fenomenologia até chegar à fase de *Die Krisis* pode-se perceber que a preocupação filosófica de Husserl não toma a questão epistemológica como núcleo central e fundamentador do rigor científico. Com clareza é possível mostrar e perceber que o fundamento radical do rigor científico está na ordem ética. A crise não decorre de uma fragilidade do caráter metodológico da cientificidade, mas na perda do sentido das ciências para a existência humana. E a causa fundamental desta perda é o seu afastamento do mundo-da-vida.

**Palavras-chave:** Rigor científico, ética, mundo-da-vida.

## Abstract

The concern with the scientific rigor is present from the earliest writings of the vast work of Husserl. Especially the philosophy, according to him, was lacking of a radical reasoning that could elevate to the category of "science in the strict sense." So he showed his dissatisfaction in 1900, time of Logical Investigations, saying that "can not satisfy us meanings that take life - when they take - of remote, confusing and inappropriate institutions" (p. 218). The traditional and current logic have had difficulty in progress because of the erroneous interpretation of theoretical fundamentals and the confusion in the demarcation of regions or spheres of being. Going through the various levels of phenomenology to reach the stage of *Die Krisis*, it's possible to notice that Husserl's philosophical concern don't take the epistemological question as the central and reasoner core of scientific rigor. Clearly, it's possible to show and realize that the radical foundation of scientific rigor is on ethics' order. The crisis don't come from a weakness of the methodologic's character of scientificity, but from the loss of the sense of science for human existence. And the fundamental cause of this loss is the being away from the life-world.

**Keywords:** Scientific rigor, ethics, life-world.

O ideal de uma ciência rigorosa em Husserl nasceu primariamente da sua preocupação com o rigor das ciências dedutivas bem familiares ao matemático de formação que ele era. Não se referia às ciências naturais. Sua dúvida se dirigia aos fundamentos da Matemática, especialmente da Aritmética. Isso o orientou para a filosofia em busca de apoio. Era preciso meditar ao modo cartesiano “enquanto filósofos radicalmente incipientes”<sup>1</sup>. Logo chega a conclusão que somente uma nova e mais fundamental ciência poderia resolver o problema das bases. E seguindo a via cartesiana, afirma que algo deve valer como realmente científico sendo

---

<sup>1</sup> HUSSERL, 1992. p. 12.

“fundamentado mediante plena evidência”, legitimando-se “pelo retorno às próprias coisas ou estados de coisas numa experiência e evidência originárias”<sup>2</sup>.

Era assim o nascimento da Fenomenologia. Husserl não era hostil à ciência; queria apenas melhorá-la e fortalecê-la. O reconhecimento a Descartes não impede a crítica mais radical: “Infelizmente é o que acontece em Descartes com a viragem discreta, mas funesta, que transforma o ego em *substantia cogitans*, em *animus* humano separado, em ponto de partida para raciocínios segundo o princípio da causalidade”<sup>3</sup>. O pai da filosofia moderna esteve “perante a maior de todas as descobertas”, porém não captou o genuíno sentido da subjetividade transcendental, “não transpõe a porta de entrada que dá para a autêntica filosofia transcendental”<sup>4</sup>.

O impulso da reflexão é semelhante ao levado a efeito por Descartes. Ao modo cartesiano temos que seguir como filósofos principiantes em busca de fundamentos radicais com prudência cada vez mais crítica, esclarecendo e evitando erros aliciantes em que caíram Descartes e o cartesianismo posterior, afirma ele nas *Meditações Cartesianas*. O rigor pode logo ser identificado na proposição metodológica da *epoché*. Assim ele escreve:

O que pretendo sob o título de filosofia, como fim e campo de minhas elaborações, sei-o naturalmente. E, contudo não o sei... Qual o pensador para quem na sua vida de filósofo, a filosofia deixa de ser um enigma? ... Só os pensadores secundários que, na verdade, não se podem chamar filósofos, estão contentes com as suas definições<sup>5</sup>.

Para ele, as características necessárias para esta fundamentação são: o caráter a priori ainda mais radical que o “ego cogito”, a ausência de pressupostos, pois “não é das filosofias que deve partir o impulso para a investigação, mas sim das coisas e dos problemas”<sup>6</sup> e a garantia dos juízos em termos de evidência apodíctica. Esta última característica é das mais complexas no pensamento husserliano, pois se relaciona com os conceitos de intenção e intuição. Os vários níveis de preenchimento significativo que se constituem na e pela intencionalidade nos remetem aos desafios presentes na percepção e as várias modalidades de sínteses (ativas e passivas) efetuadas pela consciência. O conhecimento constituído pela intuição remete sempre ao preenchimento pleno verificado entre o intencionado e o intuído, contudo esta adequação plena é apenas um estado-limite impossível de se estabelecer. A ânsia de Husserl por uma evidência cada vez mais plena fará da fenomenologia um empreendimento permanente e atento da preocupação com o rigor científico. O contexto cultural mostra que as ciências já não têm nada a dizer da razão e não razão. Percebe-se que “o positivismo decapita por assim dizer a filosofia”<sup>7</sup>.

Tomando como limite de análise o surgimento da modernidade, Husserl centra seu foco de reflexão circunscrito à formação cultural européia e não mundial. O sentimento europeu frente à ciência é de crise e até de colapso. Husserl acreditava que a Filosofia (Fenomenologia) estava em condição de ajudar mesmo o cientista objetivo na clarificação e na crítica de seus conceitos e pressuposições. A ciência moderna havia degenerado num estudo de meros fatos, perdendo sua significância para a vida humana. Por isso afirma que “as Ideologias podem entrar em disputa, só a Ciência é que pode trazer decisões, e essas são eternas”<sup>8</sup>. A situação que se apresenta é de desintegração da unidade da razão levada avante pelo pluralismo ideológico dos últimos séculos

---

<sup>2</sup> HUSSERL, 1992, p. 12.

<sup>3</sup> HUSSERL, 1992, p. 16.

<sup>4</sup> HUSSERL, 1992, p. 17.

<sup>5</sup> HUSSERL, 2001, p. 143.

<sup>6</sup> HUSSERL, 1965, p. 72.

<sup>7</sup> HUSSERL, 1954, p. 7.

<sup>8</sup> HUSSERL, 1965, p. V.

e pelo positivismo metodológico. Surge uma crítica muito forte nos últimos tempos contra a coisificação e funcionalismo das formas de vida instauradas pela racionalidade técnico-instrumental. Ao mesmo tempo, percebe-se que a “virada hermenêutica-linguística” necessita de uma orientação axiológica. A solução encontrada por Husserl então se explicita definitivamente nas últimas obras ao colocar o mundo-da-vida (*Lebenswelt*) como recurso metodológico tanto para a orientação ética como para a constituição metodológica de uma ciência rigorosa. O retorno ao mundo-da-vida permite apontar para a ingenuidade do objetivismo que confere maior valor à idéia de verdade objetiva em contraste com o conhecimento comum e à verdade da doxa. Assim nos inserimos na experiência da vida comum, da experiência sensível pré-dada ao sujeito. Afirma Husserl: “enquanto o cientista da natureza se volta deste modo à objetividade e está em atividade, aquilo que é relativo ao sujeito não atua apenas como uma passagem irrelevante, mas como fundamento último de validz lógico-teórica do ser para toda comprovação objetiva e, portanto, como fonte de evidência e comprovação”.<sup>9</sup> Desta forma, queremos mostrar como a preocupação da reflexão filosófica husserliana presente em sua vasta obra traz como emblemas paradigmáticos da questão do rigor científico tanto o problema do método como da ética. Não há separação possível se quisermos superar o modelo moderno que levou as ciências ao afastamento do mundo da vida. A crise da formação cultural européia não se desvincula do problema ético e da questão do método. Segundo E. Levinas, a intencionalidade da consciência, conceito capital da fenomenologia, já trazia em si mesma a idéia nova de uma saída de si por parte do ego<sup>10</sup>. Trata-se de um acontecimento primordial que condiciona todos os demais. Deste modo, a intencionalidade comporta em si mesma o conteúdo ético fundamental. Husserl na *V Meditação Cartesiana* afirma que o “sentido da intencionalidade explícita ou implícita, em que, sob o pano de fundo composto pelo nosso *eu transcendental*, se afirma e se manifesta o *alter ego*”<sup>11</sup>. Por esse motivo, Levinas chega a dizer que Husserl dá grande importância à “intencionalidade axiológica”.<sup>12</sup> As lições sobre *Filosofia Primeira* (1923/24) são decisivas para a fundamentação histórica da fenomenologia. A filosofia, como ciência absoluta, não possui importância apenas para o indivíduo que medita. Há uma auto-responsabilidade do indivíduo que se reconhece como funcionário da humanidade que configura axiologicamente a comunidade. Desta forma, a fenomenologia com seu método de redução é o caminho para a justificação absoluta da vida, ou seja, para a realização da autonomia ética do homem.

A questão da preocupação ética assume o mais alto grau de tematização e importância na última fase do pensamento de Husserl. Podemos dizer com certa segurança que desde o início há um imbricamento entre a preocupação ética e o rigor científico. Sua permanente convicção é de que a ciência não tem condições de dar respostas sobre o próprio valor e sua finalidade. O enorme desenvolvimento técnico-científico encobre a gravidade da crise. Tomando a luta contra o historicismo e ceticismo das primeiras obras e atingindo o horizonte do *Lebenswelt* da fase de *Die Krisis* pode-se perceber uma linha de continuidade marcando o enraizamento da razão histórica neste solo comum contra a hegemonia da razão técnico-científica. Hannah Arendt tece um comentário que alimenta esta visão a respeito de Husserl. Assim ela se expressa: “A atração exercida pela fenomenologia de Husserl surgiu das implicações anti-historicistas e antimetafísicas do aforismo *zu den Sachen selbst*”.<sup>13</sup> O testemunho de Ludwig Landgrebe é extremamente útil para esta questão. Assim ele se expressa: “É comum a opinião de que Husserl somente tomou a história como tema da reflexão no último período de sua vida (...). No entanto, o interesse de Husserl pelo problema da História é muito antigo”.<sup>14</sup> Este mesmo assistente de Husserl relata que o mestre, numa discussão com Roman Jacobson em 1935, confessava que as discussões com Dilthey giravam muito em torno de uma teoria da ciência (*Wissenschaftstheorie*)

<sup>9</sup> HUSSERL, 1954, p. 128.

<sup>10</sup> LEVINAS, 1967.

<sup>11</sup> HUSSERL, 2001, p. 105.

<sup>12</sup> LEVINAS, 1982.

<sup>13</sup> ARENDT, 1984, p. 19.

<sup>14</sup> LANDGREBE, 1982, p. 107.

que, seria unilateral, caso não levasse em conta que as ciências mesmas são produtos da vida histórica. O encontro de Husserl com Dilthey está situado em 1905, e estes conteúdos estão presentes em *A Origem da Geometria*<sup>15</sup>. Não há como tratar da ética senão tomando o mundo concreto que se dá na história.

O volume XXVIII da *Husserliana* é dedicado às *Lições sobre ética e valores*. Num primeiro momento, a filosofia husserliana está preocupada com a superação do ceticismo e por isso desenvolve uma ética de corte objetivista, ou seja, em relação a determinados valores é possível atingir juízos com valor objetivo. Há um paralelismo entre a preocupação com o psicologismo na lógica que é refutado como um ceticismo cognitivo e a preocupação ética. Nesta etapa Husserl trata de maneira análoga os juízos de verdade e os juízos de valor. A ética husserliana transita entre a análise intencional dos valores à ética como espaço de ação de pessoas responsáveis historicamente e culturalmente. A segunda fase da visão husserliana da ética situa-se na preocupação mais subjetivista, tematizando a subjetividade como responsabilidade. E por fim, o momento em que a preocupação ética se situa no horizonte do mundo-da-vida.

A fenomenologia husserliana comporta várias dificuldades para sua compreensão, que não cabe aqui tratar. Uma forma que nos auxilia de maneira mais adequada é facilitada se levarmos em consideração os três níveis da fenomenologia: o estático, o genético e o generativo.<sup>16</sup> Não podem ser tratados linearmente ou sequencialmente, mas sempre, como o próprio Husserl sugere, analisar à maneira de zig-zag, para frente e para trás. A própria definição que Husserl dá de História percorre estes níveis: “Podemos dizer que desde o início a História não é outra coisa senão o movimento vivo de co-existência de implicações vitais das formações originais e das sedimentações de sentido”.<sup>17</sup> O caminho metodológico inaugurado pela fenomenologia exige de nós um olhar para a história<sup>18</sup> não como uma “sucessão causal meramente externa”, num processo evolutivo linear e acumulativo de gerações. A história é considerada a partir de seu interior, não factual ou naturalista, pois assim podemos fazer das várias conexões históricas em seus níveis de complexidade um mundo no qual nos inserimos e ao qual nos comprometemos como homens históricos. Na forma externa de considerar a história, como algo que está separado de nós, acabamos também permanecendo alheios aos acontecimentos não só do passado, mas também do presente no qual estamos e agimos. Muitos discutem a questão do rigor científico nesta perspectiva metodológica externa à realidade. Para Husserl, somente quando consideramos a história a partir de dentro pode-se estabelecer “um compromisso verdadeiramente nosso”.<sup>19</sup> Portanto, se é um compromisso verdadeiramente nosso, ele se situa na dimensão ética antes da dimensão metodológica. Então, uma compreensão crítica da história remete-nos a uma “História nossa”. Conforme Bicudo, trata-se de um “horizonte histórico constituído pelas formações originais e pelas sedimentações efetuadas pela tradição e pelas expressões manifestas na linguagem”.<sup>20</sup> A mesma autora radicaliza mais a sua avaliação: “Entendo que toda história meramente factual permanece incompreensível porque deduz suas conclusões de fatos, sem interrogar seu caráter histórico”.<sup>21</sup> Nas palavras de Husserl, “Meras ciências de fatos produzem meros seres humanos de fatos”.<sup>22</sup> Nas últimas obras Husserl

<sup>15</sup> Trata-se de um manuscrito escrito em 1936 e publicado por Eugen Fink em *Revue internationale de philosophie* em 1939 com o título *Der Ursprung der Geometrie als intentional-historisches Problem*. Está inserido na *Die Krisis* como Apêndice III ao parágrafo 9<sup>a</sup>. Trata-se de um dos textos mais referenciados. Bicudo considera-o “uma síntese do pensamento de Husserl” (Cf. BICUDO, M. A. V. *Tempo, tempo vivido e história*. Bauru: EDUSC, 2003. p. 65).

<sup>16</sup> Cf. STEINBOCK, 1995.

<sup>17</sup> HUSSERL, 1954, p. 380.

<sup>18</sup> Lübke tem utilizado a expressão alemã *geschichtsphilosophisch-historische Untersuchung* para designar este procedimento. Cf. LÜBBE, Hermann. *Bewusstse in Geschichten. Studien zur Phänomenologie der Subjektivität*. Freiburg: Rombach Hochschule Paperback, 1972. p. 325.

<sup>19</sup> HUSSERL, 1954, § 15. p. 72.

<sup>20</sup> BICUDO, 2003, p. 89.

<sup>21</sup> BICUDO, 2003. p. 91.

<sup>22</sup> HUSSERL, 2008. p. 50.

relaciona crise da humanidade européia e crise das ciências modernas. A questão do rigor com a imbricação ética passa a ser considerada pela filosofia crítica como tarefa nossa ou responsabilidade nossa “enquanto somos os funcionários da humanidade filosófica moderna, os herdeiros e portadores daquela orientação da vontade”.<sup>23</sup>

O momento histórico exige que sejamos funcionários da humanidade. A pretensão da filosofia de se constituir como ciência da totalidade dos entes e, mesmo quando se fazia a distinção entre o mundo como totalidade dos entes finitos e Deus como princípio unificador deste mundo, acreditava-se poder cientificamente tratar do princípio metafísico e do mundo dos entes. Mas, este tempo passou. “A corrente poderosa e sempre crescente, juntamente com a incredulidade religiosa, de uma filosofia que renuncia à cientificidade mergulha (afunda) a humanidade européia”. A crise da formação cultural atinge a filosofia em sua pretensão de ser ciência de rigor e atinge a própria fé religiosa tradicional e revelada (Husserl se refere ao cristianismo) na medida em que não apresenta nenhuma pretensão de verdade incondicional ou nenhum vínculo entre todos os homens. E conclui Husserl: “A filosofia está em perigo; o seu futuro está ameaçado”.<sup>24</sup>

A filosofia em seu desenvolvimento histórico exterior é uma erudição com sistemas de proposições, uma forma cultural entre inúmeras que existem. Husserl caracteriza como Ideologia e Filosofia ideológica por ser assim realização cultural de um determinado valor espiritual, “motivado pelas circunstâncias históricas existentes, que surgem e desaparecem no curso da evolução da humanidade”<sup>25</sup>. O seu devir histórico exterior segue um processo causal que acontece no mundo, na espacialidade e temporalidade do mundo. Porém, como movimento interno constitui-se numa luta de inúmeras gerações de filósofos que

são chamados novamente para uma comunidade de vida, pois são os portadores deste desenvolvimento espiritual – a luta constante da razão desperta para alcançar a si mesma, a sua autocompreensão, uma razão que compreende a si mesma – que se compreende como ser mundo, um mundo que é na própria verdade universal.<sup>26</sup>

O positivismo científico não só gerou o afastamento entre o mundo-da-vida e o mundo da cultura moderna como também acabou empurrando a própria cultura para a técnica e para as questões do método. Conseqüentemente, temos a perda de valores de grande relevância no mundo moral como a liberdade e a responsabilidade.

Ao mesmo tempo, a reflexão em torno da história, do ponto de vista metodológico, precisa ser encaminhada para uma inserção da concepção de tempo. Para Husserl, o tempo se relaciona ao transcurso da consciência através do qual o mundo vem ao encontro, se mostra e se constitui. Não é um dado da consciência, mas uma vivência da mesma. Esta se relaciona à realidade enquanto é pensada, intuída, imainada, ou seja, as vivências são atividades da própria consciência transcendental. Então é possível falar que tanto o passado como o futuro se encontram de alguma forma no momento presente, pois a consciência é um contínuo fluir. Conforme Morujão que retoma a compreensão husserliana, enfatiza a mesma posição sustentando que:

A consciência é um contínuo fluir; o tempo será a forma da constituição da consciência enquanto tal. Simplesmente, não é o tempo das coisas, nem o das ciências psicológicas; tanto um como

---

<sup>23</sup> HUSSERL, 1954, § 15, p. 72.

<sup>24</sup> HUSSERL, 1954, p. 509. “Philosophie ist in Gefahr, d. i. ihre Zukunft ist gefährdet”.

<sup>25</sup> HUSSERL, 1954, p. 51.

<sup>26</sup> HUSSERL, 1954, § 73, p. 274.

outro, como algo mundano, foram reduzidos. O tempo puro é fenomenológico, é de índole intencional e manifesta na nossa subjetividade o tempo objetivo.<sup>27</sup>

Foi o desafio de avançar a pesquisa fenomenológica que fez com que Husserl recorresse às análises genéticas e generativas. E são essas análises que permitirão a tematização da historicidade da consciência. O seu fluir pode à primeira vista esgotar-se de modo pontual no “agora”, e de modo linear, a historicidade poderia dar a impressão de uma sucessão de “agoras”. Porém, fazendo-se uma análise mais rigorosa, é possível perceber que o “agora” traz uma perspectiva intencional, não-estática. O tempo que passou e o que ainda virá podem ser visados intencionalmente pela consciência, e de modo genético, apresentam-se como horizontes. A constituição do tempo é, dessa forma, uma das operações essenciais da consciência intencional. Os tempos passado, presente e futuro, através desta intencionalidade e constituição originária, permitem-nos assumi-los como vivências minhas. Morujão entende que

as vivências não formam, por conseguinte, uma série linear, em que cada uma se adiciona apenas à anterior; constituem-se umas a partir das outras, segundo uma gênese transcendental egológica: as vivências são vivências de um eu e este só pode ter vivências que sejam compatíveis com as anteriores, em que cada qual seja função das demais, determinando cada uma, intencionalmente, as seguintes e formando todas um sistema.<sup>28</sup>

Um dos textos mais significativos que cuidam da relação entre crise das ciências e historicidade é *A origem da geometria*. Nele se pode perceber como Husserl defende a necessidade de uma realidade humana para a existência de objetividades ideais como as geométricas. Estas idealidades foram se sedimentando na realidade humana até atingir através de um processo de sedimentações a evidência como idealidades geométricas. Por isso, pode-se falar da geometria como um fato cultural e histórico. Isto serve para todas as ciências dedutivas. Há um processo de generatividade que perpassa o horizonte histórico, o que permite falar de uma historicidade universal. San Martin afirma que Husserl neste texto “discute uma questão sumamente atual que é a relação entre contexto do descobrimento e contexto de validação, ou seja, entre as gêneses psicológica ou histórica e o sentido de uma proposição (...). Husserl nesta questão questiona o dogma da epistemologia atual, ao expressar-se decididamente contra a separação”<sup>29</sup> entre epistemologia e história. Desta forma, o entendimento de uma determinada ciência implica obrigatoriamente compreender sua historicidade, compreender o momento histórico vivo que a engendrou. E os fatos históricos remetem sempre a um movimento vivo de uns com os outros na formação originária de sentido, no modo de ser da subjetividade humana criadora e sedimentadora de sentido. E Husserl exclama: “Que ingenuidade pretender descobrir e pretender ter descoberto uma validade absoluta e supratemporal”!<sup>30</sup>

No início do século XX, a filosofia encontrava-se diante de grandes desafios, semelhantes aos que havia enfrentado no início dos tempos modernos diante vigorosa física de Galileu Galilei. Naquele momento a filosofia da natureza degenerou-se por completo. Agora novos desafios se apresentam sob o horizonte do ceticismo e do relativismo. É preciso constituir um fundo de ciência filosófica universal e absolutamente válido, por isso Husserl propõe que a filosofia se constitua como “ciência rigorosa”. Não é mais produtivo construir um sistema filosófico como se fez tantas vezes na história. O resultado deste trabalho ficará no museu da história, ou seja, não terá o que dizer para os tempos que correm. Ficar reduzida ao silêncio. As bases para a

---

<sup>27</sup> MORUJÃO, 1969. p. 54.

<sup>28</sup> MORUJÃO, 1969. p. 57.

<sup>29</sup> SAN MARTIN, 1997. p. 92.

<sup>30</sup> HUSSERL, 1954, p. 381.

constituição desta ciência rigorosa remetem à necessidade de se estabelecer fundamentos seguros, radicais, com um método apropriado e fecundo.

Dez anos após a publicação das *Investigações Lógicas*, Husserl apresenta na Revista *Logos* (Tubinga) o artigo *A filosofia como ciência rigorosa (Philosophie als strenge Wissenschaft)*. Esta revista pretendia “documentar uma viragem da Filosofia e preparar o terreno para o futuro sistema dela”<sup>31</sup>. O espetáculo que a filosofia apresenta é de nela tudo poder ser discutido e seus juízos dependerem quase sempre da convicção individual, da escola filosófica ou da própria posição. “A mestra cuja vocação é ensinar a obra eterna da humanidade, nem sequer sabe ensinar objetivamente”<sup>32</sup>. O mesmo ideal de rigor adotado pelas ciências naturais e exatas deverá ser seguido pela filosofia. Porém, Husserl abandona caminhos tradicionais da reflexão filosófica. Não segue a concepção de filosofia como sistema, pois “não dispõe de sistema algum”<sup>33</sup> e nem a isso se propõe a fazer, bem como não se envereda numa reflexão filosófica “sob o ponto de vista de”, ou seja, dependente e não autônomo e rigoroso. Tem diante de si duras exigências: “eliminar todos os hábitos mentais existentes até agora; reconhecer e quebrantar os limites do espírito com que cerram o horizonte do nosso pensar, e assenhorear-se com plena liberdade de pensamento dos genuínos problemas filosóficos, que cumpre formular plenamente de novo e que somente nos torna acessível o horizonte desanuviado por todos os lados”<sup>34</sup>.

O conjunto de artigos publicados em 1922 e 1923 na revista japonesa *The Kaizo* traz como pano de fundo uma preocupação ética sob a forma de um propósito para “renovação”. O primeiro deles tem como título “Renovação: seu problema e seu método”. Para Husserl, renovação significa “conversão ética” e “configuração de uma cultura ética universal da humanidade”. Esta preocupação nasce de um contexto histórico bem claro: a Primeira Guerra Mundial nasceu de uma visão de mundo muito otimista. Acreditava-se que a ciência e todas as suas descobertas seriam a redenção da humanidade. A Filosofia positivista fazia crer que assim era o destino do mundo. Mas, terminada a guerra, o que se percebe é outra realidade. “A guerra pôs a descoberto a indescritível miséria, não apenas moral e religiosa, mas filosófica da humanidade” afirmava Husserl em carta enviada a William Hocking (3-7-1920)<sup>35</sup>. E em outra carta a Winthrop Bell (11-08-1920) escreve: “A guerra, o pecado mais universal e profundo da humanidade em toda a sua história, colocou em prova todas as idéias vigentes em sua impotência e inautenticidade. (...) A guerra do presente, transformada em guerra do povo no mais estrito e horroroso sentido da palavra, perdeu todo seu sentido ético”<sup>36</sup>. Guillermo Hoyos Vasques<sup>37</sup> comenta esta afirmação mostrando como Husserl ali apresenta de maneira forte uma “sensibilidade moral” que toca o mais íntimo do ser humano, pois remete a um “sentimento de humanidade”. Esta moralidade presente é um bem, porém escasso e por isso mesmo “não se pode atentar contra ele impunemente”. Nossas “reservas humanitárias” em certas situações históricas como o holocausto chega ao fim. Portanto, a situação de violência e crise cultural descrita por Husserl reflete uma grande sensibilidade moral; é quase como um “grito humano vital”.

Mas a crença na força da ciência não havia se dissipado, pois “apenas a Ciência Estrita pode, aqui criar métodos seguros e resultados firmes; apenas ela pode, por conseguinte, fornecer o trabalho teórico prévio de que uma reforma racional da cultura está dependente”.<sup>38</sup> Há um descompasso entre a quantidade de ciências que superabundam e sua efetividade na maneira de tornar possível uma verdadeira racionalidade prática. “Falta por completo a ciência racional do

---

<sup>31</sup> HUSSERL, 1965, p. VIII.

<sup>32</sup> HUSSERL, 1965, p. 2.

<sup>33</sup> HUSSERL, 1965, p. 3.

<sup>34</sup> HUSSERL, 1965, p. XVI.

<sup>35</sup> HUSSERL, 2004, p. 12.

<sup>36</sup> HUSSERL, 2004, p. 12.

<sup>37</sup> VÁSQUEZ, v. 24, nº 1, p. 13-23. 2003.

<sup>38</sup> HUSSERL, 2006, p. 6.

homem e da comunidade humana, que fundamentaria uma racionalidade da ação social e política, bem como uma técnica política racional”<sup>39</sup>. Assim como foi produzida pela matemática pura a idéia de natureza que produziu enormes avanços na relação com o mundo natural, também deveria existir uma ciência que constituísse a idéia de ser espiritual que abarcasse a *universitas* de todas as ciências do espírito, ou seja, de todas as ciências humanas. Há muitas ciências do espírito, mas elas se constituíram em ciências empíricas, e todo o conjunto de investigação desenvolvido por elas carece de um vínculo de racionalidade principal. “Falta aqui, precisamente, a ciência apriorística paralela, por assim dizer, a *mathesis do espírito e da humanidade*”<sup>40</sup>. Falta esta contribuição fundamental para tornar possível a clarificação racional dos fatos empíricos. Assim como ocorreu com a matemática pura da natureza que serviu de base para a ciência pura da natureza, também deveria haver uma ciência pura do espírito que trataria da essência apriorística da humanidade racional que serviria para a direção da práxis factual de acordo com as normas gerais estabelecidas pela ciência estrita. Tomar as realidades espirituais em sua exterioridade como as ciências espirituais daquele momento estavam fazendo, especialmente a história e a psicologia, não resolveria a questão central da interioridade espiritual. “Para uma efectiva racionalização do empírico exige-se (aqui inteiramente como no caso da natureza) precisamente um regresso às leis de essência que dão a medida, por conseguinte, um regresso específico do espírito, enquanto mundo de interioridades”<sup>41</sup>. Enquanto as ciências empíricas trabalham com juízos dirigidos para os simples fatos da existência, as ciências do espírito dependem de uma disciplina apriorística que investigue a essência do espírito para que a tarefa de uma direção racional da práxis seja possível a partir de fundamentos científicos. O problema da renovação não se resolve tomando a Psicologia ou as ciências históricas e da cultura como guia metodológico rigoroso, mas sim de uma ciência apriorística sobre a essência da espiritualidade humana.

Se tomarmos o mundo circundante e fizermos um juízo de valor considerando-o reprovado, isso significa que nós acreditamos que haja uma humanidade verdadeira e autêntica enquanto idéia objetivamente válida. Portanto, tem sentido objetivo a análise científica de essência da idéia de uma humanidade autêntica e racional. O que aconteceu com a Matemática na investigação pura de essência, também no mundo das ciências do espírito algo semelhante deve poder ser estabelecido de modo seguro e rigoroso. Porém “uma ciência apriorística das formas e das leis de essência e, coisa que aqui sobretudo nos interessa, da espiritualidade racional não foi ainda levada a um desenvolvimento sistemático”<sup>42</sup>. O que podemos fazer? O que devemos procurar? Husserl assim responde: “O que importa é procurar ativamente os caminhos científicos, que infelizmente nenhuma ciência antecedente preparou, e começar seriamente com as reflexões metódicas e problemáticas prévias, com as linhas de pensamentos preparatórios de todo tipo, que se revelem como primeiras exigências”<sup>43</sup>. Somente uma ciência que caminhe na “consideração da essência” pode abrir caminho tanto para uma ciência racional da humanidade como para propor diretrizes e normas de conduta que visem a sua renovação. A fundamentação desta ciência é o pressuposto primeiro para uma efetiva renovação.

As páginas de *Die Krisis* procuram mostrar como se desenvolveu a formação cultural européia tendo como eixo a idéia moderna de ciência e como sua evolução culmina na crise identificada em todos os âmbitos. A tese husserliana é que as ciências se afastaram do mundo-da-vida. As vias metodológicas para a constituição da filosofia transcendental propostas em *Die Krisis* são a psicologia e o retorno a este mundo-da-vida. Na questão que estamos desenvolvendo – rigor científico e ética – o mundo-da-vida se põe como o solo e o horizonte universal de saída de determinadas formas de reducionismo e cientificismo. O conceito positivista de ciência e o

---

<sup>39</sup> HUSSERL, 2006, p. 7.

<sup>40</sup> HUSSERL, 2006, p. 7.

<sup>41</sup> HUSSERL, 2006, p. 10.

<sup>42</sup> HUSSERL, 2006. 14.

<sup>43</sup> HUSSERL, 2006, p. 15.



naturalismo epistemológico têm parcelas de responsabilidade na degeneração da cultura e a perda do sentido da ciência para a vida humana.

Em vão parecem ser os projetos modernos de busca de ideais reguladores, de valores incondicionados e de imperativos morais abstratos. Esta racionalidade teórica carece de enraizamento histórico. Caberia a esta racionalidade perguntar pelo sentido da ciência e da técnica antes mesmo de discutir questões de ordem metodológicas. Escreve Husserl: “As ciências estão em uma crise por que não se encontram em condições de dar conta de seu sentido e intencionalidade”<sup>44</sup>. A crise é expressão de um vazio de fundamentação moral de nossa civilização. A ciência e a técnica carecem de um mundo de valores ético-políticos. E Husserl frisa que “não é a cientificidade das ciências que está sob questionamento, mas o significado e sentido das próprias ciências para a existência humana”<sup>45</sup>. O problema da ciência é então um problema moral. É preciso estabelecer um giro ético na epistemologia constituída pelo positivismo e neopositivismo. Não é a ciência que deve dar e garantir suporte à ética, mas ao contrário. Este giro na obra husserliana foi fundamental e assim ele abriu um caminho extenso na orientação das pesquisas e dos seus resultados.

Husserl foi um dos primeiros pensadores contemporâneos a se esforçar para superar o dogmatismo de uma concepção objetivista do saber e da práxis humana. Toda sua obra é um esforço radical utilizando-se da vida das reduções em busca de um *a priori* concreto ou pré-categorial, na forma de instância transcendental, que permita fixar as condições de possibilidade da ciência e da filosofia, da ação humana e da linguagem. Nesta busca ele chega ao mundo-da-vida e ali objetiva resgatar o sujeito social da ciência e da história, fundamentar a atividade humana em geral, e ali encontrar um suporte de sentido e finalidade que possa auxiliar-nos a superar a crise do homem da época da civilização tecnocientífica. E sempre percorre o caminho apresentado nas *Investigações Lógicas*, pois “não é das filosofias que deve partir o impulso da investigação, mas, sim, das coisas e dos problemas”<sup>46</sup>. Explorando as possibilidades da *epoché* se percebe a necessidade de um processo de escavação arqueológica que nos permita identificar as sedimentações ativas e passivas configurando uma espécie de geneologia da moral. A suspensão de concepções morais unilaterais ou historicistas nos ‘impõe a necessidade de realizarmos uma *epoché ética*’<sup>47</sup>. A suspensão de toda moral vigente nos permite ver a gênese do próprio sentido do “Ethos” e assim nos deparamos com uma “ética como filosofia primeira”. Assim, podemos concluir dizendo que Husserl reconhece a prioridade da razão prática sobre a razão teórica, ou seja, a ética como filosofia primeira. Só que isso deve ser conduzido a partir do solo originário do mundo-da-vida, onde possamos reconhecer o outro como diferente e interlocutor válido, e onde se determinam as vivências que atingirão o grau de idealidades teóricas universais. A universalidade não é mero discurso epistemológico de uma ciência abstrata.

## BIBLIOGRAFIA

ARENDT, Hannah. *La vida del espíritu. El pensar, la voluntad y el juicio en la filosofía e en la política*. Madrid: Centro de Estudios Constitucionales, 1984.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. *Tempo, tempo vivido e história*. Bauru: EDUSC, 2003

HUSSERL, Edmund. *Metidações cartesianas*. São Paulo: Madras, 2001.

\_\_\_\_\_. *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*. Editado por Walter Biemel. The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff, 1954.

\_\_\_\_\_. *Einleitung in die Ethik. Vorlesungen Sommersemester 1920 und 1924*. Editado por Henning Peucker. Dordrecht/Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2004.

---

<sup>44</sup> HUSSERL, 1954, p. 10.

<sup>45</sup> HUSSERL, 1954, P. 3.

<sup>46</sup> HUSSERL, 1965, p. 72.

<sup>47</sup> HUSSERL, Husserliana VIII, p. 319.

- \_\_\_\_\_. *Renovação: seu problema e método*. Trad. Pedro M. S. Alves. Lisboa: Lusosofia.Net, 2006.
- \_\_\_\_\_. *A filosofia como ciência de rigor*. Coimbra: Atlântida, 1965.
- \_\_\_\_\_. *La crisis de las ciencias europeas y La fenomenologia trascendental*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Conferências de Paris*. Lisboa: Edições 70, 1992.
- LANDGREBE, Ludwig. Meditatio über Husserls Wort 'Die Geschichte ist das grosse Faktum des absoluten Seins'. In: *Faktizität und Individuation*. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 1982.
- LEVINAS, E. *Éthique Et Infini: dialogues avec Philippe Nemo*. Paris: Fayard, 1982.
- LEVINAS, E. *En découvrant l'existence avec Husserl et Heidegger*. Paris: Vrin, 1967.
- LÜBBE, Hermann. *Bewusstsei in Geschichten. Studien zur Phänomenologie der Subjektivität*. Freiburg: Rombach Hochschule Paperback, 1972.
- MORUJÃO, Alexandre Fradique. *Subjetividade e história: três estudos sobre a fenomenologia husserliana*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1969.
- SAN MATIN, Javier. *Fenomenologia y antropologia*. Buenos Aires: Editorial Almagesto, 1997.
- STEINBOK, Anthony. *Home and Beyond: Generative Phenomenology after Husserl*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 1995.
- VÁSQUEZ, Guillermo Hoyos. La ética fenomenológica. *Mimesis*. Bauru, v. 24, nº 1, p. 13-23. 2003.

---

Edebrande Cavalieri e-mail: ecavalieri@gmail.com